

## A SEMANA – 138

John Gledson

Esta crônica borboleteia, ou cambaleia, entre assuntos diversos. Começa por um encontro no bonde (nada menos provável que imaginar Machado “pensando alto” na sua viagem!), com um sujeito pernóstico e pedante: o assunto é a epidemia do jogo, nas suas várias formas, tudo ligado ao Encilhamento. Passamos a nada menos que o concílio de Niceia, do quarto século, por causa da briga sobre o significado do “logos” (palavra, verbo), isto é, duas palavras – “regular” ou “suprimir”? Num gesto profundamente típico, Machado evita decidir entre dois “verbos”, e concorda com ambas as soluções possíveis, para evitar conflitos. Embora seja esse o sentido geral do trecho, confesso que não sei exatamente o que quer dizer ao afirmar que “o paciente [de ambos os verbos] não era o fronteiro” (numa nota, ensaio uma explicação). A crônica termina com a renúncia inesperada do presidente da França: os assuntos desse país interessavam, porque, como diz *O Paiz* em 16 de janeiro, “a sorte da república de França interessa a todos nós, porque nada sucede nesse grande país que não tenha repercussão no mundo inteiro”. Mais concretamente, como se explica na nota respectiva, a questão envolvia a estabilidade de um regime *republicano*, o que interessava de perto aos brasileiros. Concluindo, Machado dá uma nova amostra do seu feminismo. No Brasil, como em praticamente todos os países, as mulheres nem votavam, e argumenta que poderiam ser até chefes do Estado.



## A SEMANA

20 de janeiro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A semana ia andando, meia<sup>1</sup> interessante, com os seus *bookmakers*, frontões e outras liberdades, e mais a lei municipal, que as regulou, segundo uns, e, segundo outros, as suprimiu.<sup>2</sup> Não examino qual dos verbos cabe ao caso; mas, relativamente aos substantivos regulados ou suprimidos, guio-me pela significação direta. Por isso indignei-me, quando vi o ato do prefeito e da polícia. Pois quê! exclamei; países como a Rússia têm ou tiveram censura literária, mas nunca se lembraram de regular ou suprimir escritores e arquitetos; por que é que, no regímen democrático, a autoridade me impede de pôr um frontão na minha casa, ou fazer um livro, se não tiver mais que fazer?

Um senhor que ia a meu lado (era no bonde, e eu penso alto nos bondes) fez-me o favor de dizer que era engano meu, que os *bookmakers*, apesar do nome,<sup>3</sup> nunca escreveram livros, e que há entre uma casa e outra mais frontões do que sonha minha vã filologia.<sup>4</sup> Perguntei-lhe se falava sério ou brincando; respondeu-me que sério, e deu-me em penhor o seu cartão. Não digo o nome porque este senhor quer conservar o incógnito; nem posso afirmar se cheguei a lê-lo, tais eram os títulos científicos, honorários e outros que o precediam.

Agradei-lhe a explicação; ele retrucou afavelmente que esta vida é uma troca de favores, e bem podia ser que eu lhe explicasse algum dia por que<sup>5</sup> é que as colunas

---

<sup>1</sup> Esta variação de “meio” que, sendo advérbio, não devia variar, é comum em Machado, e noutros escritores.

<sup>2</sup> “Frontão” é a parede contra a qual se joga pelota basca, jogo muito popular pelas possibilidades que dá às apostas. A partir de 1º de janeiro de 1895, começou a vigorar um decreto municipal “regulando” as instituições que facilitavam o jogo – inclusive o jogo do bicho –, e os jornais davam notícias frequentes de inspeções policiais que acabavam em fechamento.

<sup>3</sup> Esta vírgula falta na *Gazeta*. Aurélio a acrescenta, sem comentar.

<sup>4</sup> Uso paródico, um de vários que Machado faz, do verso de *Hamlet* (ato I, cena 5): “Há entre o céu e a terra, Horácio, mais coisas do que sonha a sua filosofia”. (“There are more things in heaven and earth, Horatio, / Than are dreamt of in your philosophy.”) Como nos informa o *site* machadodeassis.net, a palavra “vã”, que Machado habitualmente acrescenta, pode ser que tenha suas origens em Almeida Garrett, que assim traduz a frase em *Viagens na minha terra*.

<sup>5</sup> Está assim na *Gazeta*. Aurélio junta as duas palavras: “porque”. Como o sentido é “por que razão” achamos que o texto do jornal é correto.

telefônicas, derrubadas na praia da Glória, há três meses, em um conflito de eletricidade, continuam deitadas no chão.<sup>6</sup> Disse-lhe que ia estudar esse problema, não momentoso, e recordei-lhe que as montanhas-russas duraram muito mais tempo, na rua da mesma Glória, e que a ponte que entra pelo mar da mesma Glória, se a maré a não levar no século entrante, não a levarão os homens.<sup>7</sup>

– As forças cegas da natureza são mais poderosas que as forças humanas, disse ele axiomáticamente.

Gostei da resposta. Eu aprecio muito os axiomas, mormente se a pessoa que os emite traz já um ar axiomático. Satisfeito com a explicação do que era *bookmaker* e frontão, no sentido legislativo e municipal, entendi que se tratava de vedar ou regular uma liberdade ou duas, e que toda a questão versava sobre o verbo aplicável ao ato. Assim posta a questão, reduzida unicamente à aplicação do verbo, estamos como no concílio de Niceia,<sup>8</sup> e o símbolo que sair daqui será não menos respeitável que o outro, mal comparando. Qual é o verbo, na minha opinião? Leitor, eu entendo que o homem tem duas pernas para ir por dois caminhos. O verbo, a meu ver, depende do sujeito. Se o sujeito é sábio, o verbo é *ride, si sapis*. Se é melancólico, o verbo é chorar. *Sunt lacrymae rerum*.<sup>9</sup> É a única solução razoável, porque atende<sup>10</sup> ao temperamento de cada um.

Quanto ao paciente da oração, leitor e discípulo amigo, a minha perna direita afirma que é o que sai perdendo; mas a esquerda, que também estuda sintaxe, diz que é o que sai ganhando. Eu, como ambas as pernas são minhas, hesito na solução. Se a civilização ainda estivesse em outra idade, eu responderia de um modo evasivo, dizendo que o paciente não era o fronteiro.<sup>11</sup> Mas já não há fronteiros. O último que vi foi em cena, o *Fronteiro d'África*, escrito não sei por quem (tenho ideia vaga de que era um

---

<sup>6</sup> Não encontrei referência a este conflito, que imagino fosse entre duas companhias de eletricidade rivais; ou talvez tivessem sido derrubadas por um raio.

<sup>7</sup> As montanhas-russas e a ponte já foram mencionadas mais de uma vez n'“A Semana” (ver, por exemplo, a crônica de 11 de dezembro de 1892). A ponte fizera parte de um plano de aterrar uma parte da baía de Guanabara; as montanhas-russas eram o resultado de um plano de instalar um parque de diversões na Glória e que resultou, nas palavras do *Jornal do Commercio*, num “mostrengo de sarrafos velhos”. Ambas eram ruínas do Encilhamento.

<sup>8</sup> O concílio de Niceia, de 325 d.C., foi o primeiro depois da adoção pelo imperador Constantino do cristianismo como religião oficial do Império Romano. Centrou-se numa disputa sobre o arianismo, doutrina que acha que Jesus, filho de Deus, é distinto de Deus Pai: noutras palavras, não acredita na Trindade. No concílio, foi declarado heresia. As disputas se centravam no sentido do Logos (o Verbo, portanto, daí o jogo de palavras na crônica), como no começo do evangelho de S. João: “No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

<sup>9</sup> “Ri, se és sábio”, dos *Epigramas* do poeta latino Marcial (c. 40 d.C.-c. 104 d.C.) – epigrama I, 32; “são as lágrimas das coisas”, da *Eneida*, de Virgílio (70-19 a.C.), livro I, v. 462.

<sup>10</sup> Na *Gazeta* está “atente” – subjuntivo de atentar? – que não é possível. Aurélio corrige por “atende”, sem comentar. Também podia ser “atenta” (adjetivo).

<sup>11</sup> Como disse na introdução, não tenho certeza do sentido destas palavras. Os editores desta revista têm uma solução verossímil: sugerem que “O paciente” (da oração) são os donos dos jogos “regulados” ou “suprimidos”; e eles não eram “fronteiros”, isto é, como os guardas de fronteira, soldados capazes de reagir a qualquer agressão ou (no caso) às decisões do poder público.

Abrantes), o qual arrancava palmas no teatro de S. Pedro de Alcântara.<sup>12</sup> Tempo dos mouros. Muita cutilada, muito viva, muita fidelidade portuguesa, tudo por dois mil-réis, cadeira. Onde vão esses dias? Tornemos à semana.

A semana ia andando, como disse, cai aqui, cai acolá, e teria chegado ao fim, sem grandes assombros nem lances inesperados, se não fosse o trovão de França.<sup>13</sup> Quando menos cuidávamos, resignou o presidente, um presidente que havia sido achado para não resignar nunca. Dizem que foi ato de fraqueza. A mensagem dele confessa que lhe faltava apoio. Qualquer que seja a causa, ou sejam ambas, é matéria política, e naturalmente estranha às minhas cogitações. Venhamos à estética.

Pelo lado estético é que o ato de Casimiro Perier<sup>14</sup> me pareceu medíocre. Diz um telegrama, que a mãe do ex-presidente opôs-se à renúncia.<sup>15</sup> A recente morte do último rei de Nápoles, trouxe à memória o heroísmo da jovem princesa, sua mulher, em Gaeta,<sup>16</sup> que encheu o mundo inteiro de admiração. Os dois fatos provam que a

---

<sup>12</sup> Aqui há um pequeno mistério, possivelmente explicado por uma falha da memória do cronista. Há uma peça que se chama *Fronteiro d'África ou Três noites aziagas*, de 1838 e com publicação no Brasil em 1862, mas é de Alexandre Herculano (1810-1877), e passa na época filipina, sem mouros. Herculano só escreveu duas peças, esta e *Os infantes em Ceuta* (1842). Mas há outra peça, a que Machado talvez tenha atribuído o título da de Herculano, de Antônio Joaquim da Silva Abranches (*sic*) (1810-1868), de 1841, chamada *O cativo de Fez*, que forçosamente terá mouros. Ora, acontece que em 1859, ainda nos tempos de João Caetano (que morreu em 1863), foi encenada no teatro São Pedro de Alcântara, o mais prestigioso do Rio de Janeiro. O que é mais, Machado, então com vinte anos, assistiu, e escreveu uma resenha curtíssima n' *O Espelho*, a 11 de dezembro. Encontra-se na edição da produção de Machado para esse jornal, de João Roberto Faria (Campinas: Ed. da Unicamp, 2009), à p. 154. Machado chama a peça de “drama inconsistente, inverossimilhante, com todos os defeitos da escola e sem uma só das suas belezas”. Vê-se que a sua memória, se por um lado era falha, por outro funcionava bem. Ver também Décio de Almeida Prado, *João Caetano* (São Paulo: Perspectiva, 1972), p. 47. O caso lembra a curiosa mistura de memória e esquecimento na crônica de 24 de junho de 1894 (108), que também envolve João Caetano.

<sup>13</sup> Jean Casimir-Perier (1847-1907) (assim, sem acento) foi eleito quinto presidente da Terceira República Francesa em junho de 1894, após o assassinato de Marie François Sadi Carnot (1837-1894). Sua presidência só durou 6 meses – devia durar sete anos, segundo a constituição, mas se demitiu com o governo do primeiro ministro Charles Dupuy, alegando que não era consultado pelos seus ministros, sobretudo sobre política estrangeira. A sua impopularidade, que Machado sem dúvida sabia que existia, era em boa parte devida às suas origens de classe, da alta burguesia, de uma família de políticos e banqueiros; seu avô fora ministro no regime orleanista, de Louis Philippe. Foi sucedido por Félix Faure (1841-1899), que ficou no posto até a morte. A queda de um *presidente* interessava de perto aos brasileiros, porque a presidência era a garantia da estabilidade de um regime, mesmo parlamentar. Segundo um comentário d' *O Paiz*: “São as belezas do parlamentarismo que o Sr. Silveira Martins [líder dos rebeldes federalistas no Sul] e outros querem implantar no Brasil.”

<sup>14</sup> Assim no jornal, que Aurélio corrige para “Périer”, parece que erradamente, porque muitas vezes se escreve sem acento no jornal, e noutras fontes mais fidedignas. Seu avô, Pierre Casimir Périer (1777-1832), ministro de Louis Philippe, sim se escreve com acento.

<sup>15</sup> Não encontrei este telegrama. *O Paiz* nos assegura que era “uma boa e santa velhinha” (8 de setembro de 1894).

<sup>16</sup> O último rei das Duas Sicílias, Francesco II, só reinou de 1859 a 1861, quando foi forçado a fugir de Nápoles, sua capital, pelas forças de Garibaldi. Foi com sua mulher, Maria Sophie, princesa bávara, para a cidade de Gaeta, ao norte, na costa, onde foram assediados, de novembro de 1860 até fevereiro de 1861. A rainha, que só tinha 19 anos, agiu com muita coragem, e ficou célebre – foi chamada “o anjo de Gaeta”. Foram depois para Roma e Baviera, onde o rei morreu em 27 de dezembro de 1894. Maria Sophie viveu até 1925. Depois de “Gaeta”, Aurélio acrescenta esta vírgula, que não está na *Gazeta*.

república, como a monarquia, pode achar no governo mais do que a graça e a distinção de uma senhora. Por que se não há de abolir a lei sálica nas repúblicas?<sup>17</sup> Se a mulher pode ser eleitora, por que não poderemos elevá-la à presidência? O nascimento dá uma Catarina da Rússia ou uma Isabel de Inglaterra; por que não há de o sufrágio da nação escolher uma dama robusta capaz de governo? Onde há melhor regímen que entre as abelhas? O mais que pode suceder, em um povo de namorados como o nosso, é dispersarem-se<sup>18</sup> os votos, pela prova de afeição que muitos eleitores quererão dar às amigas da sua alma; mas com poucos votos se governa muito bem.

Talvez estejamos a julgar mal, cá de longe. Pode ser que a impopularidade do ex-presidente começasse a separar dele os homens públicos, e, para se não achar amanhã só, ele preferiu sair hoje mesmo. Isto,<sup>19</sup> dado que realmente fosse impopular. Donde viria a impopularidade de Perier? Do nome? Da pessoa? Dos colarinhos? Realmente, os colarinhos, à maruja, em qualquer tempo não eram graves; vindo depois dos de Carnot, eram inadmissíveis.<sup>20</sup> Um chefe de Estado, rigorosamente falando, não pode ter a liberdade dos colarinhos. Nesse ponto o novo presidente é mais correto. Os retratos que vi dele trazem o colarinho teso e alto. Assim que, além das suas qualidades políticas e morais, Félix<sup>21</sup> Faure possui mais a de saber concordar o pescoço com o poder.



---

<sup>17</sup> A lei sálica, que tem origens na Europa pré-medieval, proíbe as mulheres de herdar, e de suceder ao trono. Causou algumas brigas dinásticas no século XIX, como a que levou às guerras miguelistas, em Portugal.

<sup>18</sup> Na *Gazeta* está “dispensarem-se”. Parece-nos que esta correção, que é de Aurélio, cabe melhor ao sentido da frase. Erro dos compositores?

<sup>19</sup> Esta vírgula falta na *Gazeta*. Aurélio a acrescenta.

<sup>20</sup> Com efeito, os colarinhos de Sadi Carnot eram célebres – as fotos de Casimir-Perier o mostram com um colarinho baixo, mais ou menos igual ao de um marujo.

<sup>21</sup> Felix, na *Gazeta*. Aurélio corrige.